

À maternidade de Maria e o rosto materno da Igreja

JOSÉ EDUARDO BORGES DE PINHO*

Resumo: Todo este artigo se estrutura ao redor da relação entre a maternidade de Maria e a dimensão materna da Igreja que tem naquela uma das suas imagens por excelência. Num primeiro momento, aduz-se que a maternidade divina de Maria lança o desafio de uma Igreja que deve viver da, e em modo de encarnação. De seguida, refletindo-se sobre a cooperação materna de Maria na economia divina, aponta-se tal realidade como normativo para uma Igreja materna que se faz transparência de Deus como realidade distintiva da sua identidade. Discorre-se, depois, sobre o sentido em que a maternidade de Maria pode ser um estímulo, quer para a vivência da fé na senda de Jesus, quer para uma forma materna de evangelização. Penultimamente menciona-se a maternidade de Maria como charneira entre a ação do Espírito e a maternidade da Igreja como inerente à fidelidade Àquele. Por fim, aponta-se a maternidade de Maria como uma incitação à atenção eclesial pelos mais padecentes e carentes.

Palavras-chave: Maria; maternidade de Maria; maternidade da Igreja; evangelização; misericórdia.

Abstract: This entire article is structured around the relationship between the motherhood of Mary and the maternal dimension of the Church, which has Mary one of the most wonderful images. In a first moment, it is said that the divine motherhood of Mary

* Professor catedrático jubulado da Faculdade de Teologia, UCP – Lisboa.

outlines the challenge of a Church that must live from the incarnation and in an incarnation mode. Then, reflecting on Mary's maternal cooperation in the divine economy, this reality is pointed out as normative for a motherly Church that makes itself transparent to God as a distinctive reality of its identity. The author, subsequently, discusses the sense in which Mary's motherhood can be a stimulus, both to the experience of faith in the path of Jesus and to a maternal form of evangelization. Penultimately, the motherhood of Mary is mentioned as a hinge between the action of the Spirit and the motherhood of the Church as something that is inherent to the fidelity to that same Spirit. Finally, the motherhood of Mary is pointed out as an incitement to the ecclesial attention to those who suffer the most and are more in need.

Keywords: Mary; maternity of Mary; maternity of the Church; evangelization; mercy.

Relacionar a maternidade de Maria com o rosto materno da Igreja é procurar ver de que modo a identidade e missão da Igreja tem, deve ter, como referência a missão maternal de Maria numa história de salvação que culminou no acontecimento Jesus, mas que continua como dom de Deus pela ação do Espírito Santo no acolhimento crente ao longo dos tempos. Quando a *Lumen gentium*, na exposição concentrada da reflexão teológica tradicional e da devoção crente ao longo dos séculos, afirma que «a Mãe de Deus é o tipo e a figura da Igreja, na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo»¹, está a oferecer uma expressão-síntese de todo um conjunto teológico-existencial que resulta da confluência de duas vias complementares na contemplação do lugar de Maria na Igreja, vias essas necessárias na tensão mútua que as envolve.

Por um lado, e antes de mais, somos induzidos a perguntar como é que a vida de Maria, na sua real vivência histórica, pode ser exemplo impulsor para a vida e a ação da Igreja marcadas por um rosto materno. Não se ignora que, embora Maria seja personagem de algum relevo no conjunto do Novo Testamento – em número de versículos (116), a sua figura aparece-nos logo a seguir a Pedro –, a verdade é que os Evangelhos não foram escritos para nos oferecerem uma biografia de Maria (em rigor, e como é sabido, nem sequer de Jesus). O risco, já presente nos textos apócrifos, é recorrer piedosamente à imaginação, mas com isso estamos a entrar num registo não suportado por uma razoabilidade crente atenta aos parâmetros culturais contemporâneos.

Por outro lado, Maria emergiu ao longo dos séculos e continua a aparecer no presente como figura de singular significado para a consciência eclesial e a vivência crente, no reconhecimento – expresso mesmo para além

1 *Lumen gentium*, 63.

daquilo que a sobriedade do testemunho bíblico explicitamente nos manifesta e recomenda – de que na sua vida e missão se encontram traços fundamentais do ser cristão e do mistério da Igreja. Só assim se entendem não só a densidade existencial que Maria adquiriu na vida dos cristãos, ao ponto de ter sido considerada o maior símbolo da cultura ocidental², como também o desenvolvimento secular que desembocou nos dogmas marianos da Imaculada Conceição e da Assunção, enraizados em última análise no *consensus fidei* dos fiéis e expressando verdades tipológicas ou paradigmáticas numa perspectiva antropológico-salvífica³. Ou seja, o lugar de Maria na vida da Igreja alimenta-se também profundamente do sentido da matriz maternal-filial que suporta e envolve qualquer vida humana, daquilo que o coração dos crentes, numa afinidade de experiências e sentimentos, vê espelhado em Maria como exemplo, estímulo e interpelação para as suas vidas. Estamos aqui sobretudo no campo meditativo-existencial, que, na veneração crente, procurou aprofundar contemplativamente o que a maternidade de Maria significou para si própria e traduzir o que essa experiência básica pessoal na história da salvação pode indicar para a comunidade eclesial que procura seguir Jesus.

É na consciência da complementaridade destas duas vias de acesso teológico-existencial a Maria no mistério de Cristo e da Igreja que a presente reflexão se orienta, procurando ao mesmo tempo respeitar a sobriedade bíblica e ter em conta a centralidade cristológica que todo o discurso e vivência marianos não podem deixar de seguir. Destaco cinco grandes aspetos que me parecem relevantes neste relacionamento da maternidade de Maria com o rosto materno da Igreja. Em cada um desses pontos, procuro, num primeiro momento, prestar atenção ao que a maternidade de Maria significa em si mesma, como é que ela se traduziu na sua própria história de vida e de

2 Cf. GRESHAKE, Gisbert – *Maria-Ecclesia. Perspektiven einer marianisch grundierten Theologie und Kirchenpraxis*. Regensburg: Pustet, 2014, p. 111. Escreve por sua vez K. Schreiner: «Maria pertence às figuras e aos símbolos históricos mais fascinantes da cultura europeia. Na história da sua veneração espelham-se sonhos e saudades, conhecimentos e experiências, caminhos e desvios de seres humanos, que estavam convencidos de que Maria, a mulher que está no seu trono no céu, os podia ajudar na sua busca de uma vida boa, plena de sentido»: SCHREINER, Klaus – *Maria. Jungfrau, Mutter, Herrscherin*. München-Wien: Carl Hanser Verlag, 1994, p. 509; cit. em GRESHAKE, Gisbert, ed. – *Maria-Ecclesia*, p. 116. Cf. ainda GEBARA, Ivone; BINGEMER, Maria Clara Lucchetti – *Maria, mãe de Deus e mãe dos pobres. Um ensaio a partir da mulher e da América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 143s.

3 Cf. KASPER, Walter – *Introdução à fé*. Porto: Telos, 1973, p. 106. Sobre toda esta questão da "hierarquia das verdades" da fé, cf. ainda p. 103-106; *Evangeli gaudium*, 36-39; GROUPE MIXTE DE TRAVAIL ENTRE L'ÉGLISE CATHOLIQUE ROMAINE ET LE CONSEIL OECUMÉNIQUE DES ÉGLISES – La notion de "Hiérarchie des Vérités". *Interprétation oecuménique. Irénikon*. 53 (1990), 483-496.

que modo se manifesta na história da salvação que continua. Num segundo momento, trata-se de explicitar alguns aspetos exemplificativos de como a maternidade de Maria se pode e deve repercutir na compreensão que a Igreja tem de si mesma e no seu modo de agir sob os desafios do presente.

1. A maternidade divina de Maria como interpelação a uma Igreja verdadeiramente encarnada

1.1. Maria e a centralidade do mistério da encarnação

A maternidade divina – Maria, Mãe do Verbo de Deus encarnado – é o dado primeiro de toda a atenção cristã prestada a Maria, o fundamento do seu significado singular na história da salvação e de tudo quanto a seu respeito se diz na Escritura e se vive na experiência cristã na continuidade do tempo. Desde os primórdios da Igreja o reconhecimento da verdadeira maternidade de Maria é expressão e garantia da verdade e centralidade do mistério da encarnação do Filho de Deus como dado fundamental e surpreendente da fé cristã. É ao serviço da autêntica identidade da pessoa de Jesus – verdadeiro Deus e verdadeiro homem – que Maria emerge como figura incontornável, necessária mesmo. Gerado no seio de Maria pela ação do Espírito, em Jesus o Verbo de Deus assumiu verdadeira e plenamente carne humana. Na sua maternidade virginal Maria é, pois, sinal e instrumento da autêntica humanidade de Jesus e testemunha da sua divindade; a maternidade divina de Maria está ao serviço do mistério da encarnação. Reside precisamente aqui – na misteriosa união da natureza humana com a natureza divina em Jesus – a razão mais profunda da proclamação feita por ocasião do Concílio de Éfeso (381) de Maria como *Theotokos* (“Mãe de Deus”, em tradução mais literal, “Geradora de Deus”).

1.2. A Igreja perante a tarefa de uma constante e profunda encarnação

a) Para a Igreja, contemplar hoje a maternidade de Maria e o significado nela contido exprime-se na compreensão de que a sua identidade e missão é ser sinal e instrumento, mediação significativa da permanência salvífica na história do mistério da encarnação. É o que sublinha a *Lumen gentium*, logo no seu n.º 1, quando afirma a identidade e missão da Igreja numa perspetiva de sacramentalidade: «A luz dos povos é Cristo», e «a Igreja, em Cristo, é como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano [...]». Dito ainda de modo mais simples e

explícito: assim como Maria deu ao mundo Jesus, a Igreja é chamada a dá-lo também na totalidade da sua existência ao longo dos tempos, no testemunho quotidiano dos seus membros e através das suas instituições, na sinalização de uma presença que interpela sobre o sentido da vida à luz do Deus de Jesus e no serviço aos homens e mulheres de cada tempo e lugar. Está aqui a primeira e básica expressão de como a maternidade de Maria marca a identidade e missão da Igreja: «Nossa Senhora – cito o Papa Francisco – quer trazer também a nós, a todos nós, a dádiva grandiosa que é Jesus; e com Ele traz-nos o seu amor, a sua paz e a sua alegria. Assim a Igreja é como Maria: a Igreja não é uma loja, nem uma agência humanitária; a Igreja não é uma ONG, mas é enviada a levar a todos Cristo e o seu Evangelho; ela não leva a si mesma – seja ela pequena, grande, forte, ou frágil, a Igreja leva Jesus e deve ser como Maria, quando foi visitar Isabel»⁴.

b) Por outro lado, esta relação estrutural com o mistério da encarnação na pessoa de Jesus significa que a vida da Igreja é nuclearmente marcada pelo que a encarnação pressupõe e implica. Como se sugere no n.º 8 da *Lumen gentium* – a analogia entre a realidade da natureza humana assumida pelo Verbo encarnado e o significado da estrutura social da Igreja de que o Espírito de Cristo se serve –, a Igreja transporta consigo os sinais da iniciativa salvífica de Deus na mediação de uma real humanidade. À semelhança de Maria, que, não só foi o instrumento humano que possibilitou o mistério da encarnação, como viveu toda a sua vida ao serviço da encarnação do Filho, a Igreja serve o Reino de Deus anunciado e vivido por Jesus; a Igreja não tem outro caminho senão o da contínua “encarnação” na vida das pessoas, dos povos, das culturas, nos diversos tempos e lugares da história da humanidade. A “lei da encarnação” marca, assim, todo o viver da Igreja e toda a espiritualidade cristã, exigindo atenção à vida real das pessoas, solidariedade com as alegrias e dificuldades do viver quotidiano, sensibilidade face aos seus dramas e interrogações, capacidade de sintonia com as grandes esperanças humanas e busca de resposta a essas mesmas esperanças⁵.

Uma Igreja-Mãe à luz da encarnação – e isto é tarefa para cada cristão e para cada comunidade cristã – procura compreender e valorizar, existencial e

4 IGREJA CATÓLICA. Papa, 2013- (Francisco) – *Audiência Geral* (23 de outubro de 2013).

5 Cf. MORAL, José Luis – “Incontriamo Gesù” per incontrare Gesù? Catechesi d’incarnazione per andare oltre il “rinnovamento-orientamento”. *Catechesi*. 85: 6 (2015-2016) 632-634; GUERRERO RODRÍGUEZ, Pablo – “Llegó donde él y, al verlo, se conmovió” (Lc 10,33). Cuidar de las familias heridas. *Sal Terrae*. 104 (2016) 636; ROUTHIER, Gilles – Les accents ecclésiologiques du pontificat du pape François. Une mise en œuvre originale de *Lumen gentium*. *Atualidade Teológica*. 20: 54 (2016) 560.

espiritualmente, numa "mística de olhos abertos" na expressão de J. B. Metz⁶, as tarefas quotidianas como lugar inalienável de encontro com Deus no amor ao próximo e como expressão real de uma profunda atitude orante. Ao mesmo tempo, e apesar de todos os sinais de sentido contrário que continuamente aparecem ou possam aparecer, a comunidade eclesial é chamada a ter um olhar positivo sobre a história e a vida do mundo, valorizando as realidades boas da criação e iluminando com o realismo da esperança os corações dos seres humanos, num momento histórico marcado por dúvidas, sinais de crise, incertezas. É a partir desse olhar positivo e à semelhança de Jesus, que a Igreja – como uma mãe – será capaz de descobrir, acolher e promover os valores evangélicos que vão germinando na vida das pessoas e na sociedade, os sinais do Reino de Deus já presente em movimentos da história, na vida quotidiana anónima, nas buscas de sentido para o viver humano, nas atitudes iluminadas pelas bem-aventuranças e traduzidas em gestos de amor, justiça, liberdade, paz⁷.

c) Na sua tarefa de anúncio do Evangelho, o caminho básico da encarnação da Igreja na atenção à realidade vivida pelas pessoas passa pela inculturação da fé nos mais diversos contextos existenciais. A Igreja encontra assim as expressões, secularmente enraizadas, da piedade popular, que se apresenta como «a primeira e fundamental forma de *inculturação* da fé»⁸ e que, por isso mesmo, importa reconhecer no seu valor como abertura ao Mistério de Deus, sensibilidade à relação e ao amor fraternos, busca de resposta às grandes questões da vida⁹.

Mas, valorizando isso e percebendo também que a proposta da fé não pode dispensar a dimensão emocional-afetiva na vivência religiosa¹⁰, na sua consciência maternal a Igreja sabe que há aqui, em razão da própria novidade evangélica, a enorme tarefa educativa de ajudar as pessoas a crescerem

6 Cf., também, CUCCI, Giovanni – L'educazione allo sguardo. Un ingresso nella misericordia. *La Civiltà Cattolica*, 167: 3984 (2016) 563-576, aqui de modo particular 566.

7 Cf. FOSSION, André – Pour une pastorale de la moisson. Quel regard? Quelle pratique? *Christus*. 252 (2016) 64-67; MOSER, Antônio – A importância da pastoral familiar. Ecos do Sínodo dos Bispos de 2015. *Revista Eclesiástica Brasileira*. 76: 302 (2016) 287.

8 IGREJA CATÓLICA. Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos – *Directorio sobre la piedad popular y la liturgia. Principios y orientaciones*, n. 91; 63 (9 de abril de 2002).

9 Cf. *Evangelii gaudium*, 122-126. Cf. ainda TEIXEIRA, Faustino – La piété populaire selon *Evangelii gaudium*. *Spiritus*. 2018 (2015) 39-49, particularmente 46; FARES, Diego – "Amoris laetitia" e il rinnovamento del linguaggio ecclesiale. *La Civiltà Cattolica*. 167: 3981 (2016) 219ss.

10 Cf. VOYÉ, Liliane – Dieu a changé. Où le trouver? *Recherches de Science Religieuse*. 104 (2016) 331-352, particularmente 350-352.

na maturidade da fé e de as capacitar para uma vivência crente que possa enfrentar as exigências culturais do mundo em que vivemos. Hoje, dadas as dificuldades de vivência, transmissão e proposta da fé que se vão sentindo nas nossas comunidades, há a tentação, precisamente em termos de piedade popular mariana, de seguir o caminho mais fácil, de dar prioridade ao que pode agregar um maior número de pessoas, correndo-se o risco de se continuar a fomentar, acriticamente, uma religiosidade que não tem futuro.

d) Nesta mesma ordem de ideias – os processos de inculturação da fé –, e embora num registo algo diferente, emerge a pergunta sobre o modo de a Igreja realizar a sua missão doutrinal no anúncio do Evangelho. O rosto materno da Igreja numa linha de encarnação não pode deixar de passar pela consciência de que não basta formular, propor e ensinar doutrina de forma abstrata e intemporal, antes é necessário perceber o contexto que nos envolve, olhar para as pessoas reais com as suas virtudes, limites e falhas, ter consciência dos aspetos históricos e contingentes que sempre acompanham também os modos de pensar e as normas de ação, em termos doutrinários ou disciplinares¹¹.

Nessa sensibilidade, a Igreja tomará consciência de que a doutrina tem de ter sempre um enquadramento e um horizonte de serviço pastoral (de atenção pastoral à realidade) para poder ser pertinente e interpelar as pessoas. Reafirmando, a tempo e a contratempo, aquilo que é essencial e inalienável no anúncio do Evangelho, a Igreja não pode cair «numa visão da doutrina entendida como um depósito de verdades abstratas e estáticas, independentes de qualquer contexto histórico particular»¹². No cumprimento da sua missão, e como sugere o Papa Francisco, a Igreja tem de reaprender a falar como uma mãe; há um contexto materno-elesial a ter em conta e que torna mais adequada, existencial e eficaz a linguagem doutrinal da Igreja¹³.

11 Cf. *Amoris laetitia*, 6. No mesmo sentido e ainda a propósito da *Amoris laetitia*, cf. KASPER, Walter – “*Amoris laetitia*”: Bruch oder Aufbruch? *Stimmen der Zeit*. 234 (2016) 724s; MARTÍNEZ SAAVEDRA, Luis – L’Exhortation *Amoris laetitia*: un tourmant magistral. *Spiritus* 224 (2016) 353s; KOCH, Heiner – *Amoris laetitia*. Eine Erläuterung. *Stimmen der Zeit*. 234 (2016) 367; SARTHOU-LAJUS, Nathalie; GRIEU, Étienne – Un appel au discernement personnel et pastoral. *Études*. 4228 (2016) 4-7.

12 Cf. RAUSCH, Thomas P. – La dottrina al servizio della missione pastorale della chiesa. *Civiltà Cattolica*. 167: 3981 (2016) 235s.

13 Cf. *Evangelii gaudium*, 139ss; *Amoris laetitia*, 3 e 22. «O Ano Santo da Misericórdia convida-nos a refletir sobre a relação entre a comunicação e a misericórdia. Com efeito a Igreja unida a Cristo, encarnação viva de Deus Misericordioso, é chamada a viver a misericórdia como traço característico de todo o seu ser e agir. Aquilo que dizemos e o modo como o dizemos, cada palavra e cada gesto deveriam poder expressar a compaixão, a ternura e o perdão de Deus para todos»: IGREJA

Não nos damos conta de como a nossa linguagem é, tantas vezes, hermética, clerical, eclesial, desfasada da realidade, apta apenas a funcionar em circuito fechado.

2. A cooperação maternal de Maria na obra salvífica de Deus como indicativo estrutural do papel maternal da Igreja e sua transparência de sinal

2.1. A cooperação de Maria no acontecimento da salvação

Pela sua maternidade Maria está associada, da forma mais íntima e abrangente possível, à totalidade da vida de Jesus, desde o momento da concepção até à morte na cruz, cooperando assim de forma singular no acontecimento da salvação. Ainda que num lugar subordinado a Jesus Cristo e sem nada tirar ou acrescentar à dignidade e eficácia do único mediador entre Deus e os homens, o homem Cristo Jesus (cf. 1Tm 2,5-6)¹⁴, Maria foi escolhida para uma missão que a tornou – como diz *Lumen gentium*, 61 – «nossa mãe na ordem da graça»¹⁵. Mais ainda – assim acredita a Igreja e assim o confirma a experiência vivida por milhões de crentes –, Maria continua a exercer ao longo dos tempos, com a sua presença intercessora na comunhão dos santos, uma tarefa cooperadora de instrumento ao serviço do agir salvífico do Espírito Santo, pelo que – cito de novo a *Lumen gentium* – «é invocada na Igreja com os títulos de advogada, auxiliadora, socorro, medianeira»¹⁶.

Já no testemunho bíblico – no Evangelho de João, que, junto à cruz, confia Maria ao discípulo amado e vice-versa (cf. Jo 19,26-27), mas igualmente em Lucas, que apresenta Maria juntamente com os apóstolos reunidos no Cenáculo (cf. At 1,14) –, a Mãe de Jesus é vista em relação com a Igreja que nasce, estabelecendo-se assim uma ligação profunda entre o papel maternal de Maria e a função maternal da Igreja. A maternidade espiritual da Igreja ao serviço do Reino de Deus encontra, pois, exemplaridade, impulso e sinalização específica no papel mediador de Maria, e isso não só na perspectiva da sua vida histórica, mas também em relação com a sua presença na vida da Igreja ao

CATÓLICA. Papa, 2013- (Francisco) – *Mensagem para o 50.º Dia Mundial das Comunicações Sociais* (8 de maio de 2016). Cf. ainda FARES, Diego – “*Amoris laetitia*”, 209-222, em particular 209s; SPADARO, Antonio – “*Amoris laetitia*”. *Struttura e significato dell’Esortazione apostolica post-sinodale di Papa Francesco. La Civiltà Cattolica*. 167: 3980 (2016) 227s.

14 Cf. *Lumen gentium*, 60; *Redemptoris mater*, 38.

15 *Lumen gentium*, 61.

16 *Lumen gentium*, 62.

longo dos tempos. «A maternidade da Igreja – acentua a *Redemptoris mater* – realiza-se não só segundo o modelo e a figura da Mãe de Deus, mas também com a sua ‘cooperação’»¹⁷.

Tanto a maternidade divina de Maria ao serviço do acontecimento da encarnação como o prolongamento dessa maternidade, pela ação do Espírito, no cuidado pelos irmãos do seu Filho são dom gratuito de Deus no seu mistério de Amor. Nesta sua cooperação singular no acontecimento da salvação, Maria sabe-se fruto da graça de Deus, tem consciência de que tal acontece não por mérito seu, mas pela iniciativa gratuita de Deus («Salve, ó cheia de graça»; «Porque pôs os olhos na humildade da sua serva»; «O Todo-poderoso fez em mim maravilhas»: Lc 1,28.48s). Mas, suportada pela graça de Deus, Maria exerce uma cooperação ativa, dá uma resposta livre a uma chamada gratuita, assume uma atitude de amor recebido e correspondido em compromisso pessoal de existência.

2.2. A maternidade espiritual da Igreja sob o sinal da gratuidade e os desafios da transparência

a) A maternidade de Maria inspira a maternidade espiritual da Igreja e ilumina o modo de a Igreja entender o seu papel de sinal e instrumento no acontecimento da salvação. A Igreja, não obstante a distância que a separa do seu Senhor, é para o crente lugar e mediação da presença de Cristo, é “a mãe” que gera para a fé, é um espaço existencial de experiências e de expressões que configuram o viver crente e o tornam possível.

Nesse paralelismo e desde logo, há que partir sempre do primado da graça, do agir gratuito de Deus: sabendo-se cooperadora do agir salvífico de Deus na história humana, a Igreja tem consciência também de que só pode ser esse instrumento cooperador, só pode ser “sacramento universal de salvação” pela força do Espírito Santo que nela atua, sem se deixar esgotar no seu espaço visível. Como Maria, o papel cooperador da Igreja é chamado a ser pura expressão do amor misericordioso de Deus, não é algo que a Igreja faça autonomamente pelas suas próprias capacidades ou pelos seus méritos¹⁸. É sendo fiel a Deus, acolhendo a sua Palavra, os seus dons, que a Igreja se torna,

17 *Redemptoris mater*, 44.

18 A Igreja é instrumento de salvação na medida em que «na sua pregação e na sua administração dos sacramentos o próprio Jesus Cristo age pela sua presença salvífica. Quer dizer que, ainda que a mediação da Igreja e a ação salvífica de Deus se confundam no ato salvador, elas não são, no entanto, menos claramente distintas: certamente é a Igreja que comunica ao crente a participação na salvação; mas não é ela, é unicamente Cristo que produz a salvação no mundo e que dá ao crente pela palavra e pelo sacramento a participação nesta salvação»: COMMISSION INTERNATIONALE

ela própria, mãe, à imagem de Maria, gerando para uma vida nova «os filhos concebidos por ação do Espírito Santo e nascidos de Deus»¹⁹.

Falta-nos, por vezes, no nosso espaço católico, alguma sensibilidade para perceber até ao fim a gratuidade do dom da salvação, a consciência de que, no fim de contas, tudo é graça (o que não será desajustado sublinhar precisamente quando se está a lembrar os 500 anos do início da Reforma luterana). A Igreja precisa de redescobrir – em ordem a superar algum “semipelagianismo” que ameaça, continua até a marcar as nossas atitudes crentes – que tudo o que nela existe como verdade e bem a favor da humanidade é fruto da graça de Deus, da eleição que funda e dá sentido à sua missão, da ação continuada do Espírito que a santifica apesar de todos os seus limites e fragilidades. O rosto maternal da Igreja só pode emergir se cada um dos crentes, no seu próprio lugar, na fidelidade à sua vocação na Igreja e no mundo, assumir em todas as consequências a gratuidade do dom da salvação, a consciência de que o amor de Deus precede todo o nosso agir, está sempre primeiro²⁰.

b) Na sua cooperação ao serviço do anúncio do Evangelho e da humanização do mundo à luz de Deus, a Igreja tem de procurar ser um sinal autêntico, perceptível, transparente do amor salvífico universal de Deus. Este “horizonte de universalidade”, que sabe reconhecer as particularidades do próprio tempo e os limites do próprio contexto, é fundamental para a capacidade cristã e eclesial de transparência, porque só desse modo é possível superar estreitezas mentais sectárias e de grupo, não absolutizar ideologicamente as próprias perspectivas (sejam elas teológicas, litúrgicas, morais, confessionais, etc.) e manter vivo o dinamismo missionário que brota radicalmente do Evangelho de Jesus e que não exclui ninguém²¹. Só nesse “horizonte de universalidade” é possível dar forma credível e transparente ao estilo cristão de vida como existência interpelativa, aberta à unidade e à diversidade das culturas e das pessoas concretas, verdadeiramente católica.

CATHOLIQUE-LUTHÉRIENNE – Église et justification. La compréhension de l'Église à la lumière de la doctrine de la justification. *La Documentation catholique*. 2101 (1994) 830s.

19 *Lumen gentium*, 64; cf. *Redemptoris mater*, 43 e 24; *Evangelii gaudium*, 285; *Marialis cultus*, 17 e 19.

20 Cf. *Deus caritas est*, 1. «O amor é o primeiro ato com que Deus Se deu a conhecer e vem ao nosso encontro. Por isso mantenhmos o coração aberto à confiança de ser amados por Deus. O seu amor sempre nos precede, acompanha e permanece connosco, não obstante o nosso pecado»: IGREJA CATÓLICA. Papa, 2013- (Francisco) – *Misericordia et Misera*, n. 5 (Carta Apostólica de 20 de novembro de 2016); cf. Ainda BRENA, Gian Luigi – Matrimonio e misericordia. *La Civiltà Cattolica*. 167: 3982 (2016) 324.

21 Cf. THEOBALD, Christoph – L'Exhortation apostolique *Evangelii gaudium*. Esquisse d'une interprétation originale du Concile Vatican II. *Revue théologique de Louvain*. 46 (2015) 334ss.

c) Mas isso só é possível se esta maternidade da Igreja não e pelo Espírito brotar de uma atitude espiritual, doutrinal e prática de abertura à conversão e à reforma. A abertura constante à renovação da Igreja – pedida pelo Concílio como acontecimento em si mesmo e como impulso programático para a vida da Igreja do nosso tempo (“perennis reformatio” – *Unitatis redintegratio*, 6) – é condição indispensável dessa transparência de sinal, interpelando as nossas consciências, questionando as “artroses” de mentalidade, pondo em causa estruturas e ornamentos anquilosados. Na totalidade da sua vida como mãe de Jesus, Maria é impulso maior para nos abrimos à renovação da Igreja, à simplicidade da fé vivida, à indispensável ‘relativização’ de aspetos contingentes da institucionalização eclesial, à denúncia da burocratização eclesiástica e seus pesos, à superação dos nepotismos e carreirismos encobertos ou a céu aberto, à urgente e saudável autocrítica, ao sentido do essencial e das verdadeiras prioridades²².

3. A maternidade de Maria como impulso ao peregrinar na fé no seguimento de Jesus e a um estilo maternal na evangelização

3.1. Maria, a mulher crente e a primeira discípula na sua peregrinação da fé

A maternidade divina de Maria acontece radicalmente a partir do acolhimento crente de Deus e sua Palavra («Feliz de ti que acreditaste, porque se vai cumprir tudo o que te foi dito da parte do Senhor»: Lc 1,45). A fé que animou a esperança de Israel cumpriu-se em Maria de forma singular, ao ponto de ela se tornar – de uma forma mais expressiva ainda do que Abraão, nosso “pai na fé” (cf. Rm 4) – verdadeiramente nossa “mãe na fé”. No relato de Lucas, Maria, confrontada existencialmente com acontecimentos que continham sinais e interpelações de Deus, conservava todas estas coisas, ponderando-as no seu coração, isto é, procurando compreender o significado desses acontecimentos à luz de Deus (cf. Lc 2,19.51).

22 Cf. GRESHAKE, Gisbert – *Maria-Ecclesia*, p. 462ss. Cf. também p. 409-417, em particular p. 409, nota 75; THEOBALD, Christoph – L'Exhortation apostolique *Evangelii gaudium*, 333s. «Esta dimensão mariana é o mais forte antídoto contra uma conceção de Igreja puramente organizativa e burocrática. Em consequência, os fiéis e os ministros da Igreja, pela sua relação pessoal e identificação com Maria, viverão a sua relação e zelo apostólico e pastoral com amor e espírito de serviço e não de domínio, atentos à situação das pessoas para ter iniciativas e intervenções oportunas e criativas»: IGREJA CATÓLICA. Bispo, 2000- (António Marto) – *Maria, Mãe de Ternura e de Misericórdia. Carta Pastoral 2015-2017. No Centenário das Aparições*. Fátima: Diocese de Leiria-Fátima, 2015, p. 55.

É certo que a maternidade divina de Maria, como sucede com toda a maternidade humana, se traduziu numa relação pessoal única com o Filho Jesus e com o Mistério de Deus que nele e através dele a interpelava. Mas, aberta a acolher as interpelações de Deus e a pôr em prática a sua vontade, Maria foi chamada a transcender a sua maternidade messiânica e a estabelecer com Jesus um outro tipo de relação não baseada apenas nos laços de sangue, mas fundada no acolhimento do Mistério de Deus e dos seus desígnios de salvação que em Jesus se manifestavam (cf. Mc 3,31-35; Lc 8,19-21; Mt 12,46-50)²³. «Assim – lê-se na *Lumen gentium* – avançou a Virgem pelo caminho da fé, mantendo fielmente a união com seu Filho até à cruz»²⁴. A sua condição singular de Mãe de Jesus não dispensou Maria do difícil, até doloroso, peregrinar na fé ao longo da vida, atravessado por momentos de grande perplexidade.

Na totalidade do seu caminhar crente Maria emerge, assim, como figura típica do que significa ser discípulo de Jesus, como existência indicativa de verdadeiro seguimento de Jesus²⁵. A graça da chamada recebida frutifica numa resposta crente que se torna exemplo e interpelação para a vida de cada cristão: «Se a graça é sempre primeira, ela exige sempre de novo uma resposta, a resposta do amor ao amor. Maria é assim apresentada como o exemplo decisivo e perfeito do sim que deve pronunciar a fé cristã»²⁶.

3.2. A Igreja e o carácter peregrinante da fé

a) Tomando como modelo inspirador a fidelidade, a radicalidade e a fecundidade criativa do “sim” de Maria, a Igreja e cada cristão são chamados a entender a sua vida e a realizar a sua vocação a partir da confiança fundamental da fé, uma fé interiormente experimentada como esperança e animada por uma autêntica caridade. Trata-se de assumir, comunitária e individualmente, que a existência crente é um peregrinar na fé no seguimento de Jesus, suportado pela força do seu Espírito, no meio da complexidade das circunstâncias históricas.

23 Cf. GARCÍA PAREDES, José Cristo Rey – *Mariología*. Madrid: BAC, 1995, p. 348s; BEINERT, Wolfgang – *Die mariologischen Dogmen und ihre Entfaltung*. In BEINERT, Wolfgang; PETRI, Heinrich, ed. – *Handbuch der Marienkunde*. Regensburg: Verlag Friedrich Pustet, 1984, p. 267.

24 *Lumen gentium*, 58.

25 «Ela é a mulher de fé, que vive e caminha na fé, e 'a sua excecional peregrinação da fé representa um ponto de referência constante para a Igreja'»: *Evangelii gaudium*, 287. Cf. ainda *Redemptoris mater*, 5 e 28.

26 GROUPE DES DOMBES – Marie dans le dessein de Dieu et la communion des saints. II. Controverse et conversion. *La Documentation catholique*. 2187 (1998) 740.

É nessas circunstâncias que se inscreve o caminho do encontro com Jesus, numa peregrinação interior ao longo de toda a vida²⁷.

O rosto materno da Igreja tem de ressaltar nesta percepção do carácter de caminho que a fé, como toda a existência humana, possui estruturalmente. É no percurso mutável e imprevisível de uma vida que a fé tem de ser acolhida, é no quotidiano discreto e ordinário que a fé se vive ou deixa de ter significado existencial e repercussão evangelizadora. É tarefa decisiva de uma Igreja com rosto materno compreender, ajudar os cristãos a entenderem e deixar perceber a todos quantos, mais próximos ou mais distantes, entram em contacto com a realidade eclesial que a fé não é segurança adquirida uma vez por todas, mas é caminho, atravessado por tateamentos, interrogações, dúvidas, perplexidades. Esta consciência do carácter peregrinante da fé deve atravessar todos os estratos da comunidade eclesial, as suas realizações e opções pastorais, o modo de falar e de agir dos cristãos. Muitas vezes falamos e procedemos como se “dominásemos” o Mistério de Deus, em termos de saber ou modo de agir, e como se tivéssemos respostas prontas para tudo.

b) O caminho de fé de Maria pode ser descrito como “existência crucificada”, no risco da resposta fiel à chamada de Deus, na aventura de um futuro desconhecido, no inegável distanciamento das razões de vida de Jesus face aos laços familiares de origem, no desenlace final da morte na cruz. A vida de Maria lembra que a existência cristã, de uma forma ou de outra, não pode deixar de ser, em múltiplas e diferenciadas situações embora, existência sob a cruz, “existência crucificada”. «Maria, tão próxima do Jesus humano pela sua maternidade, teve de viver a paixão e a ressurreição do seu Filho para se tornar discípula na Igreja. Por aí, a figura de Maria adverte o cristão de que ele não pode eliminar a Cruz e a Páscoa para entrar na comunidade do seu Senhor»²⁸.

Lembrando o século XX e tendo presente a experiência dos dias que correm, “existência crucificada” não é uma metáfora, mas realidade vivida no martírio de muitos cristãos. Se, felizmente, não vivemos em circunstâncias marcadas por essas situações extremas e trágicas, importa ter bem presente que a vida quotidiana do cristão – na família, na profissão, no testemunho que nos é pedido em diversas situações, no seio da própria realidade eclesial e suas instituições – é inevitavelmente acompanhada também por diversas experiências de “cruz”, ou seja, dificuldades, contradições, sofrimentos que o cristão tem de aprender a acolher como interpelação nos seus próprios caminhos

²⁷ Cf. *Lumen gentium*, 9. Cf. ainda *Redemptoris mater*, 25, 28 e 45.

²⁸ GROUPE DES DOMBES – Marie dans le dessein de Dieu et la communion des saints. I. Dans l'histoire et l'Écriture. *La Documentation catholique*. 2165 (1997) 745.

do seguimento de Jesus. O rosto materno da Igreja tem aqui uma expressão exigente, mas indispensável: na solidariedade cristã concretamente manifestada; na comunhão dos "santos" traduzida em oração e apoio espiritual; na força que brota do testemunho comum; na afirmação de uma esperança traduzida em gestos concretos de amor; na capacidade de olhar criticamente para tudo quanto, na Igreja ou na sociedade, pode ser injustificadamente motivo de "cruz".

c) Na sua missão de anúncio e testemunho do Evangelho em cada tempo e lugar, os cristãos são interpelados a olhar para a atitude de fé de Maria, na consciência de que a «sua excepcional peregrinação da fé representa um ponto de referência constante para a Igreja»²⁹. Como sugeriu o Papa Francisco, há «um estilo mariano na atividade evangelizadora da Igreja», um estilo assente «na força revolucionária da ternura e do afeto» e que se baseia em determinadas atitudes:

«Maria sabe reconhecer os vestígios do Espírito de Deus tanto nos grandes acontecimentos como naqueles que parecem impercetíveis. É contemplativa do mistério de Deus no mundo, na história e na vida diária de cada um e de todos. É a mulher orante e trabalhadora em Nazaré, mas é também nossa Senhora da prontidão, a que sai 'à pressa' (Lc 1,39) da sua povoação para ir ajudar os outros. Esta dinâmica de justiça e ternura, de contemplação e de caminho para os outros faz d'Ela um modelo eclesial para a evangelização»³⁰.

Em causa está aqui um exame profundo que as nossas comunidades têm de fazer às condições reais da sua existência e às prioridades e aos modos de agir na tarefa evangelizadora. Não ignoro as fragilidades várias que atravessam profundamente muitas das nossas comunidades em "fim de cristandade", bem como os seus agentes pastorais. Mas não há alternativa: ou nos dispomos a esse exame e discernimento profundos, à revisão de pressupostos e meios de ação, à busca de um estilo pastoral credível, ou caminharemos inevitavelmente para um definhamento na nossa capacidade de anúncio do Evangelho, mesmo sendo certo que haverá sempre "religião".

Urge nas nossas comunidades dialogar abertamente uns com os outros sobre os caminhos do futuro e tomar decisões corajosas para que consigamos tornar possível amanhã o que hoje não é possível. Só assim iremos caminhando

29 *Redemptoris mater*, 6.

30 *Evangelii gaudium*, 288. Cf. ROCHE, Jean-Pierre – De "la nouvelle évangélisation" à la joie de l'Évangile. *Spiritus*. 218 (2015) 13-26.

mais e melhor para um estilo evangélico de agir, animado pela certeza de que o anúncio do amor de Deus precede a "obrigação moral e religiosa" e traduzido em atitudes de proximidade, escuta e diálogo, alegria, capacidade de ir ao encontro do próximo, seja ele quem for³¹.

d) Um estilo mariano de anúncio do Evangelho compreende sobretudo que não se trata de impor pela força das ideias ou dos gestos alguma coisa a alguém, mas em causa está saber propor algo que se tem por valioso, educando e esclarecendo, mas não substituindo consciências. Mais de cinquenta anos depois da Declaração *Dignitatis humanae*, é-nos claro a todos que o rosto materno da Igreja não pode deixar de passar pelo respeito profundo e coerente da consciência de cada pessoa, na sua própria história de vida³². Como cristãos no relacionamento com outros, como comunidades cristãs locais, como Igreja enquanto comunhão de Igrejas a nível universal, continuamos a ter enorme dificuldade em saber respeitar até ao fim a consciência das pessoas.

4. A maternidade de Maria como fruto da ação do Espírito e o rosto materno da Igreja como busca de fidelidade ao mesmo Espírito

4.1. Maria e o agir amoroso de Deus no seu Espírito

Os relatos de Mateus e de Lucas sobre o nascimento de Jesus – os assim chamados "prólogos cristológicos" ou "introduções" aos Evangelhos –, não obstante as significativas diferenças entre si, concordam na afirmação do nascimento de Jesus pela ação do Espírito Santo, pelo agir criador/recriador de Deus. Para além da presença do Espírito neste momento original da vida de Jesus, o testemunho bíblico mostra de vários modos como o agir de Deus no seu Espírito Santo atravessa toda a existência de Maria. No Pentecostes da Igreja, Maria está presente como testemunha qualificada do acontecimento Jesus, do seu significado para a humanidade, do início da Igreja. Na sua descrição embora, Maria aparece-nos como uma mulher atenta aos sinais de Deus na sua vida, como aquela que procurava entender os caminhos de Deus através do seu Filho e para si própria³³.

31 Cf. *Evangelii gaudium*, 165 e 129; *Amoris laetitia*, 312.

32 Cf. *Gaudium et spes*, 50; *Amoris laetitia*, 303, 305 e 312. Cf. ainda KOCH, Heiner – *Amoris laetitia*, 370; BRENA, Gian Luigi – *Matrimonio e misericordia*, 322.

33 «Maria viveu sempre imersa no mistério do Deus que se fez homem, como sua primeira e perfeita discípula, meditando tudo no seu coração, à luz do Espírito Santo, para compreender e

Na reflexão teológica pós-conciliar tem havido, por vezes até com um ou outro excesso marianos³⁴, uma progressiva atenção a esta relação profunda entre o Espírito Santo e Maria. De facto, Maria não pode ser pensada sem a ação do Espírito, e a sua presença maternal ao longo dos tempos não se entende sem o Espírito Santo, ou seja, o agir pessoal de Deus na história do mundo e no coração das pessoas. A maternidade de Maria lembra à Igreja que os dons do Senhor que a constituem como sinal e instrumento de salvação dependem da sua concreta disponibilidade para corresponder às interpelações do Espírito Santo em cada momento da história da humanidade.

4.2. Uma Igreja atenta às interpelações do Espírito

a) A eclesiologia pós-conciliar tem posto precisamente em relevo que tanto a origem da Igreja como o seu viver na história não se entendem sem uma profunda relação com o Espírito Santo, sem a busca de fidelidade à ação do Espírito. Emerge aqui, antes de mais, a consciência de que a Igreja só pode ser fiel à sua identidade e missão na medida em que procurar viver da constante escuta de Deus na fé, ler os “sinais dos tempos” como indicativos do que Deus lhe vai pedindo nos caminhos complexos da história. O rosto materno da Igreja tem de traduzir-se na vida de uma comunidade atenta, sensível, aberta aos sinais e às surpresas de Deus³⁵. A fé cristã – é certo – não nos dá qualquer privilégio de leitura definitiva dos acontecimentos e seu curso, não antecipa os caminhos da história e da liberdade humana, mas é uma luz que nos mantém despertos, apura a nossa sensibilidade, chama-nos a atenção para os sinais dos tempos e suas interpelações, faz-nos capazes de ir procurando ver o mundo com os olhos de Deus. A maternidade espiritual da Igreja traduz-se, como um dos seus momentos indispensáveis, na capacidade de ajudar os crentes a lerem os sinais de Deus, discernindo no quotidiano tantas vezes opaco e marcado por tentações e tribulações por onde vão os caminhos da autêntica fidelidade a Deus e à humanidade de que fazemos parte.

Não se trata aqui de uma tarefa só do magistério ou que o magistério possa realizar sozinho. É também tarefa de expressão e acolhimento do *sensus fidei*, dom do Espírito a cada cristão que procura viver a sua fé. Está aqui uma página do Concílio – *Lumen gentium*, 12 – que muitos cristãos ainda não

pôr em prática toda a vontade de Deus»: IGREJA CATÓLICA. Papa, 2013- (Francisco) – *Audiência Geral*, n. 1 (23 de outubro de 2013).

34 Cf., por exemplo, BOFF, Leonardo – *O rosto materno de Deus. Ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas*. Petrópolis: Vozes, 1979.

35 TEIXEIRA, Faustino – *La Piété populaire*, 48s.

leram bem ou ainda não quiseram tirar dela todas as consequências³⁶. Uma recepção viva e criativa do Concílio passa muito por aqui.

b) A maternidade de Maria como abertura à ação do Espírito chama a atenção para o lugar atribuído à dimensão carismática na vida da Igreja, à dimensão não institucional do viver crente em termos pessoais e eclesiais³⁷. Numa correta e completa visão da Igreja, não há que contrapor carisma e instituição, mas o peso da história e dos hábitos adquiridos tendem a abafar a dimensão de graça, liberdade e criatividade que os carismas (os dons do Espírito a favor da comunidade) trazem à Igreja e seu testemunho no mundo. Muitos aspetos da menoridade e apatia laicais de que nos queixamos frequentemente radicam aqui, numa visão eclesiológica atrofiada pelo cristomonismo reinante e suas consequências, com consequências graves nas questões várias de ordem vocacional, na maturidade da fé das pessoas e na força evangelizadora das comunidades cristãs.

c) Neste contexto, a maternidade de Maria, como expressão do significado único de uma mulher na história da salvação, não pode deixar de lembrar à Igreja, inevitavelmente marcada pelas circunstâncias do viver histórico e interpelada pelos desenvolvimentos sociais e culturais do presente e do futuro previsível, a necessidade de examinar, em honesta autocrítica e com coragem, a consciência e a prática eclesiais relativas ao papel da mulher na Igreja. Como pode concretizar-se com credibilidade o rosto materno da Igreja numa comunidade eclesial que, a diversos níveis, ainda não superou verdadeiramente as marcas masculinizantes e patriarcais que a envolvem? Há aqui aspetos teóricos e práticos – é preciso admiti-lo – que não são apenas do foro teológico, mas têm a ver com dimensões de ordem sociológica, psicológica e até, porventura, psicanalítica.

De qualquer modo, não interessa muito entrar em caminhos de idealização teológica do feminino na Igreja, fugindo assim a questões bem concretas e que carecem de resposta efetiva³⁸. Por exemplo, é absurdo continuar a considerar-se “normal” que os ministérios de leitor e de acólito instituídos a nível da Igreja universal, ministérios esses batismais ou laicais, sejam reservados a homens candidatos ao sacerdócio. O que daí e de outros aspetos concomitantes resultou para o subdesenvolvimento, melhor, para a inexistência, na prática,

36 Cf. IGREJA CATÓLICA. Comissão Teológica Internacional – *O sensus fidei na vida da Igreja*.

37 Cf. GRESHAKE, Gisbert – *Maria-Ecclesia*, p. 454ss.

38 Cf., por exemplo, MOLINA MOLINA, Diego – *Mujeres, servicio, poder, Iglesia. Sal Terrae*. 104 (2016) 529-541.

de ministérios laicais amadurecidos, não clericalizados, abertos a todas as funções da vida da Igreja, de importância vital para as comunidades, está bem à vista de quem quiser ver. De resto e para além disso, é indispensável perguntarmo-nos se grande parte das mulheres comuns – não me refiro às que frequentam habitualmente as nossas sacristias – sente verdadeiramente como materno o rosto da Igreja de Jesus de que fazem parte.

5. A maternidade de Maria como interpelação à vocação maternal da Igreja no testemunho da misericórdia e do amor pelos mais frágeis e necessitados

5.1. Maria, testemunho vivo da misericórdia de Deus, “Mãe de misericórdia”

Na história da salvação Maria é, na sua dimensão maternal, a figura humana que melhor transporta consigo e deixa perceber os sinais do amor misericordioso de Deus nos caminhos da vida (como Lucas bem assinala no *Magnificat*). Tanto na história concreta da sua existência como na sua presença continuada ao longo dos tempos ao serviço da ação do Espírito, Maria é testemunha qualificada de como «a misericórdia do Filho de Deus não conhece limites e alcança a todos, sem excluir ninguém»³⁹, de como Deus acompanha com o seu amor misericordioso o nosso próprio viver e a história do mundo.

Definitivamente junto de Deus na totalidade da sua pessoa e da sua história de vida, na comunhão dos santos mas em proximidade singular com o seu Filho Jesus, Maria é, na força do Espírito do Senhor Ressuscitado e do Pai, uma manifestação, uma mediação dessa dimensão radical do Deus em que acreditamos, um Deus cujo amor incondicional se manifesta com uma índole maternal profunda, tecida de misericórdia, ternura e compaixão. Se Jesus Cristo é o rosto definitivo da misericórdia de Deus, Maria é, na sua vocação e vida, mas não menos na percepção crente ao longo da história, sinal particularmente visível da misericórdia de Deus. Por isso é invocada como «Mãe de Misericórdia»⁴⁰.

39 *Misericordiae vultus*, 24.

40 Cf. *Sacrosanctum concilium*, 83; *Marialis cultus*, 18.

5.2. Uma Igreja misericordiosa e de coração e portas abertas⁴¹

a) A maternidade de Maria interpela a Igreja a procurar ser sinal efetivo e credível da misericórdia de Deus, o que naturalmente passa, antes de mais, pelo agir misericordioso de cada um dos cristãos (cf. Lc 6,36)⁴². A misericórdia é «a virtude fundamental dos cristãos e, tanto quanto diz respeito às obras exteriores, a súpula da religião cristã. Ela não é um qualquer detergente suave, mas um abrir de olhos para o que numa situação realmente é justo e corresponde ao bem»⁴³. Contemplar Maria na sua maternidade divina, reconhecer na sua vida e na sua presença ao longo da história cristã sinais do rosto misericordioso de Deus, invocá-la como "Mãe de Misericórdia" é, para a Igreja e para cada cristão, profunda e exigente interpelação a perguntar-se como é que na sua vida transparece o rosto misericordioso de Deus revelado em Jesus, como é que a Igreja pode e deve ser "mãe misericordiosa" em todo o seu viver: no modo como anuncia o Evangelho, no acompanhamento dos homens e mulheres na sua realidade existencial concreta, na sinalização do perdão que Deus oferece a cada homem e a cada mulher que abre o seu coração ao Mistério do amor insondável de Deus.

Estamos aqui num ponto decisivo da consciência maternal da Igreja. «Às vezes custa-nos muito dar lugar, na pastoral, ao amor incondicional de Deus. Pomos tantas condições à misericórdia que a esvaziamos de sentido concreto e real significado, e esta é a pior maneira de atenuar o Evangelho»⁴⁴. A Igreja, se quiser ser verdadeiramente sacramento do amor de Deus pelo mundo, como o pede a sua identidade e missão, não pode deixar de ser uma mãe no meio da fragilidade, capaz de dar prioridade à hospitalidade incondicional⁴⁵. Afinal, não há nenhum pecado que não possa ser perdoado. A Igreja é chamada a ser uma mãe de coração aberto e uma casa de portas abertas, certamente as portas das nossas igrejas, mas também as portas dos sacramentos, sobretudo o batismo e não menos a eucaristia. «Muitas vezes agimos – cito agora expressamente o papa Francisco – como controladores da graça e não como facilitadores»⁴⁶.

41 Cf. *Evangelii gaudium*, 46-49.

42 Cf. *Amoris laetitia*, 310.

43 KASPER, Walter – "*Amoris laetitia*", 726s.

44 *Amoris laetitia*, 311. Cf. ROCHE, Jean-Pierre – De "la nouvelle évangélisation", 23s.

45 Cf. *Amoris laetitia*, 308. *Evangelii gaudium*, 45.

46 *Evangelii gaudium*, 47. Cf. *Amoris laetitia*, 310. Cf. ainda KUZMA, Cesar – O sentir da ternura: o Sínodo sobre a família e suas implicações teológicas e pastorais. *Perspectiva Teológica*. 47: 131 (2015) 15ss.

b) Esta “lógica da misericórdia pastoral”, a que o Papa Francisco apela na *Amoris laetitia*, deve ser concretizada particularmente com as pessoas em situação de fragilidade ou dificuldade⁴⁷. A Igreja é chamada a ser «uma Mãe que, ao mesmo tempo que expressa claramente a sua doutrina objetiva, ‘não renuncia ao bem possível, ainda que corra o risco de sujar-se com a lama da estrada’»⁴⁸.

Na Igreja, tivemos e temos ainda a tendência a privilegiar o lado “docente/doutrinal” da missão da Igreja, negligenciando o lado “maternal” da vocação eclesial, que procura compreender e acompanhar as pessoas que escondem muitas vezes grandes sofrimentos por detrás das suas situações concretas de vida. «A prioridade hoje é revalorizar a vocação maternal da Igreja, não para negligenciar a sua missão de ensino, mas antes para criar a atmosfera de gratuidade, de respeito e de paciência que permita ao seu ensino ser melhor acolhido»⁴⁹. Trata-se, pois, prosseguindo com a metáfora da maternidade, de alimentar, encorajar, consolar, caminhar ao lado das pessoas, escutar com sensibilidade e compaixão, valorizar tudo quanto de bom vai acontecendo na vida das pessoas, que, mesmo nas suas infidelidades ou no seu distanciamento em relação à fé, não deixam de ser pessoas criadas e amadas por Deus, que tem para elas também uma promessa de vida e um sonho de esperança⁵⁰.

c) Nesta mesma ordem de ideias, a pergunta pelo acolhimento pessoal e comunitário torna-se uma questão decisiva. Sobre este ponto, nós temos, sem dúvida, muito a aprender, a corrigir e a inovar. Muitas vezes não reparamos que as nossas atitudes e estruturas de acolhimento são mais filtros e barreiras, posicionamentos inconscientes de superioridade moral, do que abertura plena do coração. Estamos pouco preparados e disponíveis para «arriscar o acolhimento pelo outro, no lugar do outro, sem fazer aceção de pessoas»⁵¹. A capacidade de acolhimento é um bom barómetro da qualidade relacional

47 *Amoris laetitia*, 296 e 297. «A Exortação Apostólica *Amoris laetitia* é clara ao afirmar que a Igreja deve acompanhar todos os seus filhos com atenção e cuidado, mas este acompanhamento deve ser especialmente delicado para com os seus filhos mais frágeis, aqueles que sofreram feridas no coração e na alma. E o que a Igreja deve oferecer-lhes, nesse cuidado pastoral, é, principalmente, confiança e esperança»: GUERRERO RODRÍGUEZ, Pablo – “*Llegó donde él y, ao verlo, se conmovió*” (Lc 10, 33), 634.

48 *Amoris laetitia*, 308. Cf. *Evangelii gaudium*, 45. Cf. MORAES, Abimar Oliveira de – Desafios e perspectivas à Pastoral Familiar a partir da *Amoris laetitia*. *Atualidade Teológica*. 20: 54 (2016) 594.

49 PIAT, Maurice – Avec les familles, priorité à la proximité et à la miséricorde. *Lumen vitae*. 70: 2 (2015) 234s.

50 Cf. DOLLARD, Caroline – Les joies et les enjeux de l’accompagnement des familles sur le chemin de la foi. Le catéchuménat en Angleterre et au Pays de Galles. *Lumen vitae*. 70: 2 (2015) 230s.

51 FOSSION, André – *Pour une pastorale de la moisson*, 64 s.

duma comunidade cristã e pressuposto indispensável de dinamismo evangelizador⁵². Na sua recente Mensagem por motivo do centenário das Aparições de Fátima, escreveram os bispos portugueses: «A Igreja, que encontra consolação e força no coração maternal de Maria, atuará assim como mãe dos batizados e oferecerá cuidado maternal aos que a veem de fora, qualquer que seja a distância a que se encontrem»⁵³.

d) Nesta tarefa de acolhimento maternal, Maria emerge como figura e tipo da Igreja, impulsionando-a a ser testemunha da misericórdia de Deus no acolhimento dos mais frágeis, pobres, necessitados e aflitos, a ser sinal do amor libertador de Deus que quer vida humana realizada em plenitude (cf. Jo 10,10). «Haurindo certeza do coração de Maria, da profundidade da sua fé, expressa nas palavras do *Magnificat*, a Igreja renova em si, sempre para melhor, essa própria certeza de que *não se pode separar a verdade a respeito de Deus que salva*, de Deus que é fonte de toda a dádiva, *da manifestação do seu amor preferencial pelos pobres e pelos humildes*, amor que, depois de cantado no *Magnificat*, se encontra expresso nas palavras e nas obras de Jesus»⁵⁴. «Não devem subsistir dúvidas nem explicações que debilitem esta mensagem claríssima. Hoje e sempre, 'os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho', e a evangelização dirigida gratuitamente a eles é sinal do Reino que Jesus veio trazer. Há que afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres. Não os deixemos jamais sozinhos!»⁵⁵.

É nestas situações que a Igreja mais pode e deve deixar transparecer o seu rosto maternal, revelando-se na vida dos cristãos e das nossas comunidades, como lugar e sinal de esperança para o viver humano face a todos os seus enigmas, necessidades e sofrimentos. Num documento de convergência ecuménica no âmbito do diálogo católico-anglicano, olha-se para Maria sob o «paradigma da graça e da esperança»⁵⁶. Certamente trata-se aqui, antes de mais, da luz que vem da esperança escatológica, mas é essa luz que possibilita

52 Cf. BARNÉRIAS, Dominique – *La paroisse comme style*. In FAMERÉE, Joseph, dir. – *Vatican II come style. L'herméneutique théologique du Concile*. Paris: Cerf, 2012, p. 85ss.

53 IGREJA CATÓLICA. Conferência Episcopal Portuguesa – *Fátima, Sinal de Esperança para o nosso tempo*, n. 14. Cf. APPEL, Kurt; DEIBL, Jakob; GUANZINI, Isabella; Neri, Marcello – Kirche und globale Kultur heute. Krisen – Perspektiven – Aufgaben. *Theologisch-praktische Quartalschrift*. 164 (2016) 290; SPADARO, Antonio; CAMELI, Louis J. – La sfida del discernimento in "Amoris laetitia". *La Civiltà Cattolica*. 167: 3985 (2016) 12.

54 *Redemptoris mater*, 37.

55 *Evangelii gaudium*, 48.

56 COMMISSION INTERNATIONALE ANGLICANE-CATHOLIQUE ROMAINE – Marie: grâce et espérance dans le Christ. Rapport de la Commission internationale anglicane-catholique romaine (ARCIC). *La Documentation catholique*, 2341 (2005) 752-785, aqui particularmente o n.º 57.

e anima a esperança já realmente experimentada nas circunstâncias da história, dá-nos força no combate contra o mal nas suas diversas expressões, dá valor de eternidade àquilo que nesta terra são já sinais do Reino de Deus e expressões, limitadas e frágeis embora, daquilo que permanecerá para sempre⁵⁷.

Uma Igreja de rosto materno nunca está feita. Mas, contemplando Maria sob o paradigma da graça e da esperança, a Igreja sabe donde vem e para onde vai, renova a sua fé no Deus Criador e Salvador, sabe-se acompanhada no seu caminhar na história em direção à plenitude esperada. Só nesta consciência, numa constante busca de fidelidade, é que a Igreja pode dar sinais concretos e credíveis de um rosto materno, relativizando muita coisa que vamos armazenando no nosso caminhar histórico e apontando o horizonte definitivo da plenitude de amor e comunhão que nos foi prometida e que esperamos confiadamente.

Bibliografia

- APPEL, Kurt; DEIBL, Jakob; GUANZINI, Isabella; NERI, Marcello – Kirche und globale Kultur heute. Krisen – Perspektiven – Aufgaben. *Theologisch-praktische Quartalschrift*. 164 (2016) 281-293.
- BARNÉRIAS, Dominique – *La Paroisse comme style*. In FAMERÉE, Joseph, dir. – *Vatican II comme style. L'herméneutique théologique du Concile*. Paris: Cerf, 2012.
- BEINERT, Wolfgang – *Die mariologischen Dogmen und ihre Entfaltung*. In BEINERT, Wolfgang; PETRI, Heinrich, ed. – *Handbuch der Marienkunde*. Regensburg: Verlag Friedrich Pustet, 1984.
- BOFF, Leonardo – *O rosto materno de Deus. Ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- BRENA, Gian Luigi – Matrimonio e misericordia. *La Civiltà Cattolica*. 167: 3982 (2016) 321-330.
- COMMISSION INTERNATIONALE ANGLICANE-CATHOLIQUE ROMAINE – Marie: grâce et espérance dans le Christ. Rapport de la Commission internationale anglicane-catholique romaine (ARCIC). *La Documentation catholique*, 2341 (2005) 752-785.
- COMMISSION INTERNATIONALE CATHOLIQUE-LUTHÉRIENNE – Église et justification. La compréhension de l'Église à la lumière de la doctrine de la justification. *La Documentation catholique*. 2101 (1994) 810-861.

57 Cf. *Gaudium et spes*, 39.

- CUCCI, Giovanni – L'educazione allo sguardo. Un ingresso nella misericordia. *La Civiltà Cattolica*, 167: 3984 (2016) 563-576.
- DOLLARD, Caroline – Les joies et les enjeux de l'accompagnement des familles sur le chemin de la foi. Le catéchuménat en Angleterre et au Pays de Galles. *Lumen vitae*. 70: 2 (2015) 217-232.
- FARES, Diego – “*Amoris laetitia*” e il rinnovamento del linguaggio ecclesiale. *La Civiltà Cattolica*. 167: 3981 (2016) 209-222.
- FOSSION, André – Pour une pastorale de la moisson. Quel regard? Quelle pratique? *Christus*. 252 (2016).
- GARCÍA PAREDES, José Cristo Rey – *Mariología*. Madrid: BAC, 1995.
- GEBARA, Ivone; BINGEMER, Maria Clara Lucchetti – *Maria, mãe de Deus e mãe dos pobres. Um ensaio a partir da mulher e da América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GRESHAKE, Gisbert – *Maria-Ecclesia. Perspektiven einer marianisch grundierten Theologie und Kirchenpraxis*. Regensburg: Pustet, 2014.
- GRUPE DES DOMBES – Marie dans le dessein de Dieu et la communion des saints. I. Dans l'histoire et l'Écriture. *La Documentation catholique*. 2165 (1997) 721-749.
- Marie dans le dessein de Dieu et la communion des saints. II. Controverse et conversion. *La Documentation catholique*. 2187 (1998) 719-745.
- GRUPE MIXTE DE TRAVAIL ENTRE L'ÉGLISE CATHOLIQUE ROMAINE ET LE CONSEIL OECUMÉNIQUE DES ÉGLISES – La notion de “Hiérarchie des Vérités”. Interprétation oecuménique. *Irénikon*. 53 (1990), 483-496.
- GUERRERO RODRÍGUEZ, Pablo – “*Llegó donde ély, al verlo, se conmovió*” (Lc 10,33). Cuidar de las familias heridas. *Sal Terrae*. 104 (2016) 627-640.
- IGREJA CATÓLICA. Bispo, 2000- (António Marto) – *Maria, Mãe de Ternura e de Misericórdia. Carta Pastoral 2015-2017. No Centenário das Aparições*. Fátima: Diocese de Leiria-Fátima, 2015.
- IGREJA CATÓLICA. Comissão Teológica Internacional – *O sensus fidei na vida da Igreja*.
- IGREJA CATÓLICA. Conferência Episcopal Portuguesa – *Fátima, Sinal de Esperança para o nosso tempo*.
- IGREJA CATÓLICA. Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos – *Directorio sobre la piedad popular y la liturgia. Principios y orientaciones* (9 de Abril de 2002).
- IGREJA CATÓLICA. II Concílio do Vaticano, 1962-1965 – Constituição Pastoral *Gaudium et spes*. AAS. 58 (1966) 1025-1120.
- Constituição Dogmática *Lumen gentium*. AAS. 57 (1965) 5-75.
- Constituição Dogmática *Sacrosanctum concilium*. AAS. 56 (1964) 97-138.
- IGREJA CATÓLICA. Papa, 2005- (Bento XVI) – *Deus caritas est*: [Encíclica de 25 de dezembro de 2005]. AAS. 98 (2006) 217-252.

- IGREJA CATÓLICA. Papa, 2013- (Francisco) – *Amoris laetitia*: [Exortação apostólica de 19 de março de 2016]. *La Documentation catholique*. 2523 (2016) 5-96.
- *Evangelii gaudium*: [Exortação Apostólica de 24 de novembro de 2013]. *AAS*. 105: 12 (2013) 1019-1137.
- *Mensagem para o 50.º Dia Mundial das Comunicações Sociais*: [8 de maio de 2016].
- *Misericordia et Misera*: [Carta Apostólica de 20 de novembro de 2016]. *La Documentation catholique*. 2525 (2017) 32-43.
- IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Redemptoris mater*: [Encíclica de 25 de dezembro de 2005]. *AAS*. 79 (1987) 361-433.
- IGREJA CATÓLICA. Papa, 1963-1978 (Paulo VI) – *Marialis cultus*: [Encíclica de 25 de dezembro de 2005]. *AAS*. 66 (1974) 113-168.
- KASPER, Walter – “*Amoris laetitia*”: Bruch oder Aufbruch? *Stimmen der Zeit*. 234 (2016) 723-732.
- *Introdução à fé*. Porto: Telos, 1973.
- KOCH, Heiner – *Amoris laetitia*. Eine Erläuterung. *Stimmen der Zeit*. 234 (2016) 363-373.
- KUZMA, Cesar – O sentir da ternura: o Sínodo sobre a família e suas implicações teológicas e pastorais. *Perspectiva Teológica*. 47: 131 (2015) 13-36.
- MARTÍNEZ SAAVEDRA, Luis – L'Exhortation *Amoris laetitia*: un tournant magistral. *Spiritus* 224 (2016) 350-365.
- MOLINA MOLINA, Diego – Mujeres, servicio, poder, Iglesia. *Sal Terrae*. 104 (2016) 529-541.
- MORAES, Abimar Oliveira de – Desafios e perspectivas à Pastoral Familiar a partir da *Amoris laetitia*. *Atualidade Teológica*. 20: 54 (2016) 580-598.
- MORAL, José Luis – “Incontriamo Gesù” per incontrare Gesù? Catechesi d’incarnazione per andare oltre il “rinnovamento-orientamento”. *Catechesi*. 85: 6 (2015-2016) 632-634.
- MOSER, Antônio – A importância da pastoral familiar. Ecos do Sínodo dos Bispos de 2015. *Revista Eclesiástica Brasileira*. 76: 302 (2016) 280-303.
- PIAT, Maurice – Avec les familles, priorité à la proximité et à la miséricorde. *Lumen vitae*. 70: 2 (2015) 233 – 239.
- RAUSCH, Thomas P. – La dottrina al servizio della missione pastorale della chiesa. *Civiltà Cattolica*. 167: 3981 (2016) 223-236.
- ROCHE, Jean-Pierre – De “la nouvelle évangélisation” à la joie de l’Évangile. *Spiritus*. 218 (2015) 13-26.
- ROUTHIER, Gilles – Les Accents ecclésiologiques du pontificat du pape François. Une mise en œuvre originale de *Lumen gentium*. *Atualidade Teológica*. 20: 54 (2016) 549-563.
- SARTHOU-LAJUS, Nathalie; GRIEU, Étienne – Un appel au discernement personnel et pastoral. *Études*. 4228 (2016) 4-6.

- SCHREINER, Klaus – *Maria. Jungfrau, Mutter, Herrscherin*. München-Wien: Carl Hanser Verlag, 1994.
- SPADARO, Antonio – “*Amoris laetitia*”. Struttura e significato dell'Esortazione apostolica post-sinodale di Papa Francesco. *La Civiltà Cattolica*. 167: 3980 (2016) 105-128.
- SPADARO, Antonio; CAMELI, Louis J. – La sfida del discernimento in “*Amoris laetitia*”. *La Civiltà Cattolica*. 167: 3985 (2016) 3-16.
- TEIXEIRA, Faustino – La piété populaire selon *Evangelii gaudium*. *Spiritus*. 2018 (2015) 39-49.
- THEOBALD, Christoph – L'Exhortation apostolique *Evangelii gaudium*. Esquisse d'une interprétation originale du Concile Vatican II. *Revue théologique de Louvain*. 46 (2015) 321-340.
- VOYÉ, Liliane – Dieu a changé. Où le trouver? *Recherches de Science Religieuse*. 104 (2016) 331-352.